

INTERAÇÃO VERBAL, TEMA E SIGNIFICAÇÃO

ALCÂNTARA, Regina Godinho de
rgodinho6@gmail.com

CÔCO, Dilza

dilzacoco@gmail.com

GONÇALVES, Rosalina Tellis

rosalina_tellis@hotmail.com

Maristela Gatti Piffer

mgpiffer@terra.com.br

Resumo: Este artigo discute os conceitos de interação verbal, tema e significação tomando por base a perspectiva enunciativo-discursiva de inspiração bakhtiniana. Tem por finalidade explicitar as diferentes relações entre esses conceitos aprofundando a compreensão do conhecimento produzido no campo da linguagem.

Palavras-chave: Linguagem. Enunciação. Interação verbal. Tema. Significação. Acento apreciativo.

INTRODUÇÃO

Os conceitos de interação verbal, tema e significação, objetos da discussão do presente artigo, estão inseridos no contexto do pensamento filosófico-linguístico produzido por Bakhtin a partir das contribuições e das fragilidades presentes nas correntes filosóficas advindas do Romantismo e do Racionalismo. Essas discussões foram travadas na Rússia, no período de 1919 a 1929, por um grupo de intelectuais de diferentes áreas - conhecido como Círculo de Bakhtin. Dialogando com as múltiplas proposições científicas de sua época, Bakhtin evidenciou o dualismo presente nas idéias das duas principais orientações do pensamento filosófico-linguístico, denominadas por ele genericamente de Subjetivismo Idealista e Objetivismo Abstrato.

Em Marxismo e Filosofia da Linguagem, o autor apresenta os pressupostos que fundamentam as concepções de linguagem nessas orientações. Na subjetivista idealista, segundo Bakhtin (1999), a concepção de linguagem centra-se no ato criativo de fala do indivíduo, considerando o psiquismo individual como a fonte da língua. As posições fundamentais sobre a língua nessa orientação compreendem que:

1. A língua é uma atividade, um processo criativo ininterrupto de construção [...], que se materializa sob a forma de atos individuais de fala.
2. As leis da criação lingüística são essencialmente as leis da psicologia individual.
3. A criação lingüística é uma criação significativa, análoga à criação artística.
4. A língua, enquanto produto acabado [...], enquanto sistema estável (léxico, gramática e fonética), apresenta-se como um depósito inerte, tal como a lava fria da criação lingüística, abstratamente construída pelos lingüistas com vistas à sua aquisição prática, como instrumento pronto para ser usado (BAKHTIN¹, 1999, p. 72-73).

O estudo da língua na tradição subjetivista, conforme afirma Bakhtin, apóia-se nas leis da psicologia individual. Nessa perspectiva, o sistema da língua resulta da atividade elaboradora do espírito, uma vez que a questão gramatical é considerada como ponto de chegada da atividade lingüística.

A orientação objetivista abstrata, por sua vez, situa como centro organizador dos fatos da língua o sistema lingüístico, ou seja, “[...] *o sistema das formas fonéticas, gramaticais e lexicais da língua* [...]” (BAKHTIN, 1999, p. 77, grifos do autor). Defende que a língua é constituída pelos traços idênticos presentes nas enunciações, percebendo-a como um sistema sincrônico. São esses traços idênticos que garantem a sua unicidade e a sua compreensão por todos os integrantes de uma comunidade lingüística. Logo, nessa perspectiva, a língua é um sistema estável e fechado com leis lingüísticas específicas que não sofrem influências ideológicas nem históricas. A manutenção desse sistema ocorre pela repetição, ou seja, os sujeitos já nascem inseridos numa comunidade lingüística com um sistema já constituído. “[...] um tal sistema, o indivíduo tem que tomá-lo e assimilá-lo no seu conjunto, tal como ele é [...]” (BAKHTIN, 1999, p.79).

Para Bakhtin, considerar a língua como um sistema regido por normas não passa de uma abstração, pois não serve para compreensão e explicação dos fatos lingüísticos, uma vez que se distancia da realidade viva e evolutiva da língua e de suas funções sociais. Parte de uma visão racionalista e mecanicista de mundo que desconsidera o potencial do sujeito e suas relações com a língua como fenômeno puramente histórico. Se por um lado, a fragilidade do objetivismo abstrato consiste na rejeição da enunciação, do ato de fala como objeto de estudo, no subjetivismo idealista, o equívoco reside em focalizar o ato de fala na dimensão do psiquismo individual do sujeito falante e, portanto, também não leva em consideração a natureza social da enunciação. Nesse sentido, é proposta uma síntese dialética que evidencia os diferentes elementos que compõem as enunciações inserindo-as num contexto mais amplo que compreende as relações sociais organizadas, “[...] a unicidade do meio social e a do contexto social imediato são condições absolutamente indispensáveis para que o complexo

¹ Neste trabalho tomamos a nona edição dessa obra de Bakhtin que foi publicada pela primeira vez em 1929, sob o título *Marksizm i filossófia iaziká*.

físico-psíquico-fisiológico [...] possa ser vinculado à língua, à fala, possa tornar-se um fato de linguagem [...]” (BAKHTIN, 1999, p. 70-71).

Assim, conceitos como interação verbal, tema, significação e acento apreciativo são inerentes à ampliação da compreensão da linguagem como fenômeno histórico, social e cultural.

INTERAÇÃO VERBAL

Na perspectiva bakhtiniana de linguagem, conforme situamos, a língua se move continuamente e se desenvolve sempre na vida social, na relação com o outro. Assim, o fenômeno social da interação verbal constitui a realidade fundamental da linguagem em que se materializam as enunciações. Esse processo de materialização das enunciações ocorre por meio da palavra, o recurso semiótico que possibilita a expressão. Nesse sentido, a palavra

[...] é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN, 1999, p. 113).

Desse modo, a produção da enunciação inclui a existência de um auditório social, pois a palavra sempre se dirige a um interlocutor que pode ser real ou ser um representante médio da sociedade. De acordo com Bakhtin, portanto, “[...] a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados [...]” (BAKHTIN, 1999, p. 112). Isso pressupõe que tanto a situação imediata quanto o meio social mais amplo definem, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação.

A situação imediata de interação verbal que envolve os sujeitos interlocutores das enunciações produz efeitos para si e para os outros no momento em que elaboram a sua atividade mental. A complexidade do discurso interior produzido pela atividade mental do sujeito depende das relações estabelecidas entre o sujeito e o discurso da coletividade, ou seja, da atividade mental do nós.

Assim, a personalidade que se exprime, apreendida, por assim dizer, do interior, revela-se um produto total da inter-relação social. A atividade mental do sujeito constitui, da mesma forma que a expressão exterior um território social. Em conseqüência, todo o itinerário que leva a atividade mental (o 'conteúdo a exprimir') à sua objetivação externa (a 'enunciação') situa-se completamente em território social. Quando a atividade mental se realiza sob a forma de uma enunciação, a orientação social à qual ela se submete adquire maior complexidade graças à exigência de adaptação ao contexto social imediato do ato de fala, e, acima de tudo, aos interlocutores concretos (BAKHTIN, 1999, p. 117).

Nesse contexto, a interação verbal não compreende apenas a interação face a face, mas tudo que está envolvido no processo de comunicação verbal, inclusive os atos sociais de caráter não verbal, como os gestos e atos simbólicos, que estabelecem relações e significações entre o verbal e os horizontes sociais de valor.

Em Jobim (2001), encontramos o extrato de um diálogo que evidencia como a fala, as condições de comunicação e as estruturas sociais estão indissolúvelmente ligadas. Na interação entre André (cinco anos), Rafaela (seis anos) e um adulto, podemos perceber como os elementos verbais e não-verbais presentes na interação atuam na constituição de sentidos das enunciações, produzindo sempre algo novo e não reiterável.

Rafaela: - Meu pai gosta de ler livro de música. Meu pai é cantor. Está lá na Espanha. Deu uma boneca espanhola pra mim. Minha mãe trabalha no hospital Souza Aguiar. (Com certo ar de orgulho sobre o que diz)
 Adulto: - E seu pai, André, trabalha em quê?
 André: - É... (hesitante) Numa fábrica.
 Adulto: - Numa fábrica! De quê, André, você sabe?
 André: - De chicletes. (Entusiasmado André continua) Cada dia ele traz quatro caixas pra mim.
 Adulto: - ... E sua mãe, André, também trabalha fora?
 André: - Trabalha... (Pausa) Numa fábrica de brinquedos. Minha mãe traz todo dia quatro caminhões pra mim. Ela trabalha sábado e domingo. Quando minha mãe chega do trabalho ela me leva em quatro cinemas. Já vi Trapalhões, Rambo III, ...
 Rafaela: (Com ar de desdém, duvida das palavras de André) - Hi! Rambo III não podia entrar criança! (JOBIM, 2001, p. 105).

Assim observamos que os elementos presentes nessa interação como julgamentos de valor, desejos, necessidades, interesses e emoções, que perpassam o diálogo por meio da entoação, estabelecem uma estreita relação da palavra com o contexto extraverbal, participando do processo de significação. Esses elementos evidenciam também que “[...] nenhuma enunciação verbalizada pode ser atribuída exclusivamente a quem a enunciou: é produto da interação entre falantes e, em termos mais amplos, produto de toda uma situação social em que ela surgiu [...]” (BAKHTIN², 2001, p. 79).

² Esta obra, intitulada “O Freudismo”, foi publicada pela primeira vez em 1927 e assinada por V. N. Volochinov, discípulo de Bakhtin.

Desse modo, o exemplo citado remete-nos ao pressuposto básico da perspectiva enunciativo-discursiva na linguagem, reforçando que “[...] o centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo [...]” (BAKHTIN, 1999, p. 121). A língua, nessa perspectiva, não pode ser concebida como um sistema abstrato, fechado e estável de normas nem, tampouco, um sistema monológico de comunicação determinado pelas leis da psicologia individual, mas “[...] um *processo de evolução ininterrupto*, que se realiza através da *interação verbal social dos locutores*” (Ibidem, p.127, grifos do autor), sem deixar de considerar que essa interação utiliza-se de uma estrutura enunciativa que também é constituída no campo social.

TEMA E SIGNIFICAÇÃO

De acordo com Bakhtin (1999), não é fácil a distinção entre tema e significação, bem como há necessidade desses dois “campos”, por assim dizer, serem muito bem delineados, pois, segundo o autor, “[...] para constituir uma ciência sólida da significação, é importante distinguir bem entre o tema e a significação e compreender bem a sua inter-relação [...]” (BAKHTIN, 1999, p.131).

Assim, ao colocar e esclarecer as idéias das duas principais correntes do pensamento filosófico-lingüístico, o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato, Bakhtin já iniciava aí seu “percurso” na diferenciação entre significação e tema e a inter-relação existente entre os mesmos.

Como evidenciamos, para Bakhtin, é impossível um sentido único, preciso e definido para um determinado signo, uma vez que, para ele, os sentidos dos signos não são passivos, ou seja, não estão dados, pois dependem e concretizam-se na interação verbal, como já antes explicitado. Assim, é na situação concreta de comunicação que *os signos devem ser significados*, ou melhor, é na interação que a capacidade de significação das palavras, torna-se real e pode ser compreendida. Nessa perspectiva, poderíamos perguntar-nos se cada palavra ou signo já não possui em si mesmo sua potencialidade comunicativa, ou seja, seus sentidos já concretizados historicamente através de seus usos pelas diversas comunidades de falantes? Sim, entretanto, a cada nova situação de comunicação, essa significação também se renova, tornando-se única para aquela situação de interação e não outra, sendo então, não *reiterável*. Portanto, para os sentidos já cristalizados de uma determinada palavra, aqueles que

encontramos nos dicionários, podemos chamar de sua *significação*, e a essa significação, dentro de um determinado contexto de interação particular, podemos chamar de *tema*.

Assim, para ser determinado o tema de uma enunciação, entram em jogo não apenas os elementos verbais presentes nessa enunciação, mas também, todos os elementos que participam da situação extraverbal de interação. Como explicita Bakhtin:

Conclui-se que o tema da enunciação é determinado não só pelas formas lingüísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação. Se perdermos de vista os elementos da situação, estaremos tão pouco aptos a compreender a enunciação como se perdêssemos suas palavras mais importantes. [...] Somente a enunciação em toda a sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema [...] (BAKHTIN, 1999, p.128-129).

É óbvio, como coloca o próprio Bakhtin, que o caráter único de cada enunciação não seria o bastante para determinar e compreender seu tema, assim, “[...] além do tema, ou, mais exatamente no interior dele, a enunciação é igualmente dotada de uma significação [...]” (Ibidem, p.129). Daí o autor, considerar a significação como um estágio inferior da capacidade de significar e o tema como sendo o estágio superior dessa capacidade, pois a significação nada pode significar isoladamente, fora de uma situação de interação. Portanto, as potencialidades significativas de uma palavra somente concretizam-se em um dado contexto enunciativo. É nesse sentido que o autor reitera que não é possível estabelecer uma fronteira exata entre tema e significação, uma vez que,

[...] a significação pertence a um elemento ou conjunto de elementos na sua relação com o todo. É claro que se abstrairmos por completo essa relação com o todo (isto é, com a enunciação), perderemos a significação. É por isso que não se pode traçar uma fronteira clara entre o tema e a significação (BAKHTIN, 1999, p. 131).

Exemplificando o tema e a significação, Bakhtin (1999) coloca a enunciação “Que horas são?”, enfatizando, assim, uma estabilidade relativa desse enunciado no que tange às suas significações já historicamente cristalizadas devido às diferentes situações comunicativas em que foi utilizada. Entretanto, diante de uma nova situação de interação, o tema desse enunciado torna-se novo e é impossível dissociá-lo dessa nova interação concreta. Desse modo, tomando Bakhtin, Cereja nos explicita (2005, p. 202) acerca da enunciação “Que horas são?”:

[...] Quando um professor, por exemplo, a poucos minutos do sinal, pergunta à classe “Que horas são?”, pode desejar saber quantos minutos ele ainda tem para desenvolver a matéria; uma criança que adentra a cozinha e faz a mesma pergunta à mãe, enquanto esta termina de preparar o almoço, pode querer saber se o almoço está pronto; a mesma enunciação poderá ter o sentido de “Está na hora de irmos embora?”, se um colega faz a pergunta a outro num banco, ao final do expediente.

Através desses exemplos, Cereja mostra-nos como, em cada nova situação de interação, muda-se o tema de um dado enunciado devido à concretude da situação em particular. Todavia, as significações já estabilizadas desse mesmo enunciado não se perdem, melhor dizendo, renovam-se a cada nova interação verbal. É nesse contexto que o mesmo autor assim afirma que:

[...] enquanto a significação é por natureza abstrata e tende à permanência e à estabilidade, o tema é concreto e histórico e tende ao fluido e dinâmico, ao precário, que recria e renova incessantemente o sistema de significação, ainda que partindo dele. Se a significação está para o signo - ambos virtualidades de construção de sentido da língua -, o tema está para o signo ideológico, resultado da enunciação concreta e da compreensão ativa, o que traz para o primeiro plano as relações concretas entre sujeitos (CEREJA, 2005, p. 202).

Ao analisarmos os exemplos acima, podemos perceber, assim como também mostra-nos Bakhtin, que o *problema da compreensão* está diretamente ligado à relação tema/significação, bem como à distinção entre os mesmos. Uma vez que, para se compreender determinado enunciado, seja ele falado ou, principalmente, escrito, é necessário não apenas saber de antemão a significação das palavras contidas no mesmo. A compreensão de um enunciado, em sua totalidade, depende, também, do conhecimento do contexto comunicativo no qual o mesmo foi produzido.

[...] Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão (BAKHTIN, 1999, p. 131-132).

É nesse sentido que Bakhtin vem esclarecer-nos que não somos, ou não podemos ser, interlocutores passivos perante um enunciado, pois, ao depararmo-nos com o tema do mesmo e não apenas com suas significações, acabamos por fazer parte, naquele momento, do contexto de interação verbal, adotando, assim, uma atitude ativa e produzindo, então, uma resposta “nossa” a esse enunciado; temos, portanto, uma atitude responsiva diante do que

ouvimos ou lemos. Portanto, “[...] qualquer tipo genuíno de compreensão deve ser *ativo* deve conter já o germe de uma resposta. Só a compreensão ativa nos permite apreender o tema [...]” (Ibidem, p.131).

Outro exemplo usado por Cereja (2005, p. 210-218) é o termo *companheiro* empregado pelo presidente Lula, antes e depois de sua posse como presidente do Brasil. O citado autor faz uma detida análise desse termo colocando como, em interações diferentes, o mesmo tem seu tema modificado, evidenciando, assim, outra questão importante colocada por Bakhtin (1999) relativamente ao tema e à significação: a questão *do acento de valor ou apreciativo*, questão esta que vem diretamente ao encontro do *problema da inter-relação entre a apreciação e a significação* e, conseqüentemente, ao problema da compreensão.

ACENTO APRECIATIVO

A linguagem torna possível e estreita a relação dos seres humanos nos mais diversos campos de atividade humana e, à medida que interagem uns com os outros os seres humanos, aprendem a moldar sua fala em forma de gêneros, ou seja, produções socialmente elaboradas resultantes de experiências humanas que medeiam, alargam e transformam as atividades humanas outras. Além disso, os gêneros introduzem-se na experiência e na consciência humana em forma de enunciados variados, determinados principalmente pela situação de produção. Essa situação de produção pode ser nomeada de realização concreta de interações sociais advindas das construções humanas organizadas e apropriadas pelos interlocutores no contexto das interações sociais.

No bojo das interações, a linguagem tem então papel fundamental assumindo caráter dialógico e dinâmico a cada enunciação onde a compreensão é forma de diálogo que se põe para a enunciação como “[...] uma réplica está para a outra no diálogo [...]” (BAKHTIN, 1999, p.132).

Assim, o contexto interativo sempre requer o posicionamento do outro, as suas *contrapalavras*, ou seja, só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva. Na situação de comunicação, a língua se torna viva nos enunciados dos falantes que demonstram uma compreensão responsiva de diálogo, onde o outro se torna falante e vice-versa. Por isso, a compreensão passiva é apenas abstração.

[...] O próprio falante está determinado precisamente a essa compreensão ativamente responsiva: ele não espera uma compreensão passiva, por assim dizer, que apenas dobre o seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução, etc. [...] (BAKHTIN, 2003, p. 272).

A compreensão é, pois, tomada como forma de diálogo, o que implica o reconhecimento da interação do locutor e do receptor no processo de instituição de sentido. Assim a matéria lingüística adquire significação em um processo ativo e responsivo, isto é, intersubjetivo. Ao levantar a discussão sobre a intersubjetividade semântica, Bakhtin amplia o debate sobre a palavra e aponta que a ela está inerente o reconhecimento de que, além do tema e da significação, a palavra tem acento de valor, acento apreciativo. Nessa perspectiva, de acordo com Bakhtin (1999, p.132),

[...] Toda palavra usada na fala real possui não apenas tema e significação no sentido objetivo, de conteúdo, desses termos, mas também um acento de valor ou apreciativo, isto é, quando um conteúdo é expresso (dito ou escrito) pela fala viva, ele é sempre acompanhado por um acento apreciativo determinado. Sem acento apreciativo, não há palavra.

Em que consiste, pois, o acento apreciativo e qual a sua relação com a face objetiva da significação? Ao evidenciar o acento apreciativo, Bakhtin vem colocar a *entoação expressiva* como a transmissora mais clara da *apreciação social contida na palavra*. O acento apreciativo é transmitido por meio da entoação expressiva que diz respeito à relação individual do locutor e o objeto do discurso. Analisando um texto de Dostoiévski, retirado de *No Diário de um Escritor*³, Bakhtin mostra-nos como a entoação diferente, dada por seis falantes a um mesmo enunciado, torna diferente seu tema. Isso se dá porque a conversa é conduzida por meio de entoações que expressam as apreciações de cada interlocutor imprimindo em cada entoação uma realização particular, expressiva, profunda. Assim, no exemplo de Bakhtin, vemos que a palavra proferida é a mesma, no entanto, as seis “falas” têm sentidos diferentes e são marcadamente pontuadas pelas vozes de todos aqueles que dela utilizam ou a tem utilizado historicamente. É como nos afirma Bakhtin (1999, p. 134): “[...] Quase todas as pessoas têm as suas interjeições e locuções favoritas: pode-se utilizar corretamente uma palavra de carga semântica muito grande para resolver de forma puramente entoativa situações ou crises da vida cotidiana, sejam elas menores ou graves[...]”.

Formulações como a apresentada permitem refletir que o que Bakhtin propõe é colocar o acento apreciativo ao sentido, ou seja, ver o acento apreciativo como constitutivo da

³ Texto de Dostoiévski e análise do mesmo contidos no livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (Bakhtin, 1999, p.133-134).

enunciação e com isso demonstrar que o sujeito semantiza a língua no evento enunciativo, onde o tema é “[...] uma propriedade de cada enunciação [...] realiza-se completa e exclusivamente através da entoação expressiva, sem ajuda da significação das palavras ou da articulação gramatical. [...] Toda enunciação compreende, antes de mais nada, uma orientação apreciativa[...]” (BAKHTIN, 1999, p.134-135).

Reportando-nos mais uma vez em Cereja (2005), temos aí um bom exemplo para a construção significativa da conceituação de acento apreciativo. Cereja partindo do ponto de vista dialético e dialógico de Bakhtin, de que a palavra não é unidade neutra, forma abstrata, pontua ser esta um terreno “interindividual” e, portanto, com características marcantes de reunir em si as diversas vozes de todos aqueles que a utilizam.

A palavra (em geral qualquer signo) é interindividual. Tudo o que é dito, o que é expresso se encontra fora da “alma” do falante, não pertence apenas a ele. A palavra não pode ser entregue apenas ao falante. “O autor (falante) tem os seus direitos inalienáveis sobre a palavra, mas o ouvinte também tem os seus direitos: têm também os seus direitos aqueles cujas vozes estão na palavra de antemão pelo autor (porque não há palavra sem dono) [...]” (BAKHTIN, 2003, p.327-328).

O referido autor teceu uma análise fina e descortinou as diferentes formas com que, ao longo das últimas quatro décadas, a palavra *companheiro* passou a ser utilizada em discursos de natureza político-ideológica. As mutações de sentidos da palavra em contextos de produções diferentes, compreendem assim, na análise do autor, aquilo que Bakhtin (1999, p.135) considerou como “[...] uma *reavaliação*: o deslocamento de uma palavra determinada de um contexto apreciativo para outro [...]” (BAKHTIN,1999,p.135). Ainda, segundo Cereja, a palavra *companheiro* que, antes cunhava explicitamente um sentido histórico e ideológico da militância política, adquiriu agora outros sentidos: o sentido de esposa; de companheira que acompanha e ampara o político; a figura daquele que simpatiza com a causa popular; passou, pois, a se referir a toda a multidão, revelando um desejo do governante de agregar a todos, de salvar a todos como numa amplitudes messiânica.

A despeito das intenções particulares e conscientes do próprio presidente, a verdade é que seu discurso político, ao menos nas situações retratadas, incorporava diferentes discursos que histórica e socialmente circulavam ou circularam na sociedade brasileira, como o discurso messiânico, religioso, socialista e neoliberal (CEREJA, 2005, p. 218).

Portanto, é fundamental que se leve em conta a apreciação social para compreender a evolução histórica do tema e das significações, pois, a evolução semântica da língua é sempre

associada às particularidades apreciativas de um determinado grupo social. A evolução dessas particularidades apreciativas está intimamente associada a questões econômicas e sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do conjunto de reflexões acerca dos conceitos de interação verbal, significação, tema e acento apreciativo, concluímos que Bakhtin instaura uma nova concepção de língua e linguagem, bem como uma nova visão para o ensino-aprendizagem da língua. No bojo das críticas às duas principais correntes do pensamento filosófico-lingüístico, o Subjetivismo Idealista e Objetivismo Abstrato, o autor posiciona a língua como indissociável do curso da comunicação verbal que, nesse sentido, não pode mais ser tratada e, muito menos, estudada como um produto dado, acabado, pronto, mas sim constituído na e pela interação verbal.

Portanto, a perspectiva bakhtiniana traz a interação verbal como um conceito primordial, constituindo, pois, *a realidade fundamental da língua* e instaura, assim, o caráter dialógico da linguagem tendo, então, uma posição totalmente contrária a uma reflexão lingüística baseada num sistema de regras já construído, uma vez que tal reflexão encontra-se no sentido oposto de uma abordagem histórica e viva da língua. Ao colocar tal posição, Bakhtin enfatiza, também, que a diversidade existente na linguagem reflete, sobremaneira, a diversidade da experiência social. Nessa perspectiva, os conceitos de significação e tema clarificam as questões que envolvem o sentido dos signos, bem como a produção e a construção de sentidos e de efeitos de sentido.

Através dos exemplos extraídos das análises de outros autores que contribuíram para a elaboração deste texto, pudemos perceber que, ao diferenciar e relacionar os conceitos de significação e tema, Bakhtin mostra-nos a língua como uma realidade heterogênea, ou seja, as palavras e seus múltiplos sentidos em virtude da multiplicidade de enunciações, de intenções, de contextos, etc. Isto reforça a idéia de “dialogicidade” da linguagem, uma vez que o sentido do signo, ou seja, seu tema só pode ser considerado mediante um enunciado concreto e as relações dialógicas são, portanto, relações de sentido. É nessa perspectiva que Bakhtin aborda a questão do acento apreciativo, pois, como o autor apontou, a língua é viva e constitui-se nas interações sociais. Desse modo, os valores colocados pela apreciação individual e social, principalmente, através da entoação expressiva, provocam mudanças e evoluções lingüísticas significativas,

afetando, pois o tema e a significação. Assim, a situação extra-verbal, ou seja, o contexto da interação interfere, significativamente, na produção dos sentidos.

Percebemos, enfim, que esses conceitos, se entrelaçam e a compreensão de cada um colabora por clarificar ou evidenciar o outro. Nesse sentido, enfatizamos o caráter coeso e procedente de toda a perspectiva bakhtiniana de linguagem. Bakhtin, ao trazer para o campo da linguagem as questões *socioidelógicas*, coloca-nos ainda, o texto do aluno como um espelho através do qual se reflete sua realidade social e, portanto, como produto histórico, porque se recoloca como processo a cada interação.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 9.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **O Freudismo**. São Paulo: Editora Perspectiva S/A, 2001.

CEREJA, William. Significação e Tema. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

JOBIM e SOUZA, Solange. **Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. 6. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.